



COMENTÁRIO A “O SER E O NADA: ‘A TEMPORALIDADE’. UM GUIA DE VIAGEM”: SARTRE E MERLEAU-PONTY


Luciano Donizetti da Silva

Professor de Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG – Brasil. Atualmente, realiza estágio de pós-doutorado junto à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar-PPGFil), São Carlos, SP -Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-0584-7377> |  donizetti.silva@hotmail.com

Referência do artigo comentado: CARRASCO, A. de O. T. *O ser e o nada: “A temporalidade”.* Um guia de viagem. **Trans/Form/Ação:** Revista de Filosofia da Unesp, v. 47, e02400131, 2024. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/14956>.

Recebido: 29/01/2024 | Aprovado: 31/01/2024 | Publicado: 28/03/2024

 <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2024.v47.n1.e02400150>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

COMENTÁRIO A “O SER E O NADA: ‘A TEMPORALIDADE’. UM GUIA DE VIAGEM”: PARA UMA VIAGEM *INSÓLITA*?

Luciano Donizetti da Silva¹

Referência do artigo comentado: CARRASCO, A. de O. T. *O ser e o nada: “A temporalidade”*. Um guia de viagem. **Trans/Form/Ação:** Revista de Filosofia da Unesp, v. 47, e02400131, 2024. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/14956>.

A temporalidade não é,
mas o Para-si se temporaliza existindo
(Sartre, 2011, p. 192).

A temporalidade é temática central na filosofia de Sartre, e isso está diretamente ligado ao método utilizado pelo filósofo: sua ontologia é *fenomenológica*. Ocorre que, depois de Kant, a ontologia – *tradicionalmente* Metafísica – foi colocada no plano da *especulação*. Noutras palavras, após a *Crítica da Razão Pura*, o discurso sobre o Ser *somente é possível como fenomenologia*, conforme afirma Heidegger; e é justamente calcado na circularidade hermenêutica heideggeriana e na seara *fenomenológica* aberta por Husserl, que essa questão deve ser recolocada. Assim, tem-se o belo texto de Alexandre Carrasco (2024): ele propõe produzir um *guia de leitura* sobre a temporalidade, em *O ser e o nada*, remetendo a uma *viagem*; então, melhor apertar o cinto, pois essa será um tanto *insólita*. Isso porque, na verdade, Carrasco (2024) faz um pouco mais do que mero programa de viagem: primeiro, a *contrapelo* de Espinosa e com apoio de Flajoliet, mostra os *limites* da ontologia sartriana (porque fenomenológica). E isso tem dois lados, afinal, Sartre não pode mais se servir da malemolência de Santo Agostinho, o qual se satisfaz com a falácia de que se pode saber de

¹ Professor de Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG – Brasil. Atualmente, realiza estágio de pós-doutorado junto à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar-PPGFI), São Carlos, SP -Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0584-7377>. E-mail: donizetti.silva@hotmail.com.

algo, desde que não se coloque a pergunta: é longe dessa noção *metafísica* do tempo, ou de qualquer outra, que Sartre descreve a temporalidade que, sim, remete à transcendência, mas que não, não existe para além do homem ou do *mundo humano*.

Sem Deus ou seus substitutos e livre de toda transcendência *especulativa*, Sartre *recoloca a questão* do tempo sobre novas bases: aquela do plano da existência, para a qual somente fenômenos podem ser apreendidos; o Ser-Em-Si é *fechado* e, *por si*, não comporta relações, donde também qualquer noção de tempo somente possa ser *fenomênica*: não há *tempo-em-si* antes (ou fora) da relação originária que fundamenta o mundo, a saber, o processo de *negação* promovido pelo Para-Si *contra* o Em-Si; ou melhor, é do seio mesmo do Em-si que o Para-si se coloca como *alteridade*, o que fere de morte qualquer noção de Totalidade, seja *prévia*, seja a realizar. Dessa forma, porque o mundo advém dessa relação *primeira* (constituente), pela qual homens e mulheres *dividem grandes massas de Ser em istos*, a temporalidade será *o modo de Ser-Para-Si* (avalizado fenomenologicamente): homens e mulheres, para serem, temporalizam o Em-si e a si mesmos. É assim que conceitos como *antigo* ou *inovador* podem ser atribuídos tanto às ideias como a objetos: as *inovações* do pensamento kantiano são, hoje, de antanho, tanto quanto a máquina de escrever é objeto de museu. A temporalidade, por sua vez, tem seu sentido num *erodir permanentemente o ser da causa na expectativa de que o efeito tenha mais substância do que a causa que o põe* – na formulação de Carrasco. E isso tem muitas consequências. Assinalo duas.

Primeira, um aparente e *singular* círculo vicioso, o qual impede de, *intuitivamente*, compreender a temporalidade: para saber algo sobre o sujeito, numa questão que o envolve, seria preciso que *algum sujeito* fosse *anterior* ao próprio sujeito e, claro, à questão que ele coloca (pais podem explicar coisas a seus filhos). Todavia, no caso em tela, não há *pai* do mundo humano, senão os próprios homens e mulheres; é essa radical humanização do tempo, calcada no método fenomenológico, que permite a Sartre recolocar a questão medieval noutras bases e entender o tempo sem o recurso ao Transcendente, pois o faz *desde o Ser* fenomênico; afinal, se algo pode ser *novo* ou *velho*, o será, velho ou novo, *para o Para-si*, ser que, curiosamente, além de saber de sua finitude, *envelhece*. Mal formulando um dito, *envelhecer exige saber que se envelhece*, ou seja, falar do tempo é ainda falar de transcendência; contudo, não mais aquela que remete a estruturas *para-além* do mundo, como deuses ou *vontade*, ou *Ideia* ou seja o que for. *A pergunta pelo tempo só pode ser temporal*, mostra Carrasco: é em consonância com a *experiência fenomenológica* do tempo enquanto temporalidade vivida que Sartre, no debate com Husserl, recusa qualquer unidade *pré-egológica* da experiência do mundo que é, também, *ser-temporal*, porque temporalizado pelo *olhar alheio*. Uma tarefa *comum e recíproca* entre Seres-Para-Si.

Segunda, cabe lembrar que circularidade hermenêutica não é círculo vicioso, ainda que seja *atípica*; a dificuldade fica evidente: qualquer resposta sobre o tempo será, sempre,

no tempo, ou seja, *situada*. Mais do que isso, será invariavelmente uma resposta que *se estende pelo tempo que a degrada* e, por isso, tanto Descartes como Agostinho ou mesmo Espinosa são autores *antiquados*, e tratam a questão de modo *pré-kantiano*. E não é mesmo assim? A máquina de escrever, que hoje não escreve, tende a permanecer em seu tempo, desde que mantida como *memória*, situação equivalente a todas as *filosofias* que, por si mesmas, nunca sairiam das estantes das bibliotecas (e nem teriam ido até ali, se não tivessem, nalgum *momento*, tido o seu *presente*). E é justamente essa condição *incomum* do tempo que faz o filósofo francês se afastar de Husserl, ainda que permaneça tão perto: em 1936, Sartre pretendia *salvaguardar a unidade positiva* do fluxo temporal; todavia, onde alocar tamanha tarefa, tendo como sustentáculo o Para-si, santo com pés de barro?

Isso leva, claramente, ao plano da *temporalidade mundana*, fenomenológica, aquela partilhada *com outrem*. Assim, Sartre, porque recusa a *redução fenomenológica* de Husserl, não visa a encontrar uma *temporalidade originária*, mas, tão somente, sua *origem*. E, também parece adequado afirmar, sua ontologia não deixa dúvidas a esse respeito: “O Para-si é o ser que tem-de-ser seu ser na forma diaspórica da temporalidade” (Sartre, 2011, p. 199), numa transcendência que agora é *ek-stática*, pois existir para homens e mulheres é *temporalizar*.

Haveria mais a escrever, no sentido de *chegar mais perto* da questão temporal *situada*, suscitada nesse artigo? Ou seria o caso de *olhar de longe* o texto, para vê-lo melhor? Fato é que há *homologia* entre Ser-Para-Si e Temporalidade, e isso *mediado* pelo Circuito da Ipseidade; cabe retornar ao *momento inicial* dessa insólita viagem: cada homem e cada mulher é, ao mesmo tempo, *presença a si e facticidade*, e é daí que se pode falar em *valor* ou *possíveis* (mundo, enfim), ambos oriundos do mesmo movimento intencional que define Ser-Para-Si. Então, toda e qualquer distensão temporal (passado ou futuro) é tributária e, de certo modo, *coincide* com ser-liberdade? Vendo de muito longe, parece que Sartre titubeia entre *fê perceptiva* e *sobrevo* da realidade, como sugeriu Merleau-Ponty; vendo de muito perto, parece ser cabível admitir a tese de Bornheim, para quem Sartre seria o *último metafísico*, afinal, insiste na totalização, mesmo admitindo o absurdo de *toda* Totalidade.

Ora, numa distância *intermediária* – nem longe nem perto –, pode-se ver o *destino final* dessa viagem: não é possível *distanciar-se de si*, pois o reflexo não se separa do refletidor, não no caso da consciência intencional, donde “Tudo se passa como se o mundo, o homem e o homem-no-mundo não chegassem a realizar mais do que um Deus faltado” (Sartre, 2011, p. 759). Em-Si e Para-Si estão em *estado de desagregação perpétua* ante a *síntese ideal* (a qual, também, é *invenção* humana). A temporalidade expressa uma síntese que é *sempre impossível* e *sempre indicada*; enfim, se o modo de ser-homem-e-mulher-no-mundo é o *próprio tempo*, isso decorre diretamente da *não coincidência ontofenomenológica* do Ser-Para-Si com *seu ser*. Não se trata de *círculo*, mas de *circuito*: estamos irremediavelmente ligados ao Ser, o que remete diretamente ao Outro; é ante o olhar alheio que podemos ser *isso ou aquilo* e, sem ele,

não somos. O movimento negativo do Para-si, essa *condenação a escolher* que perfaz seu ser, também faz o mundo – e toda teoria ou doutrina. E fim da viagem.

REFERÊNCIAS

CARRASCO, A. de O. T. *O ser e o nada: “A temporalidade”*. Um guia de viagem. **Trans/Form/Ação**: Revista de Filosofia da Unesp, v. 47, e02400131, 2024. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/14956>.

SARTRE, J-P. **O Ser e o Nada** – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. 20. ed. Trad. Paulo Perdigão. São Paulo: Vozes, 2011.